DOI 10.22478/ufpb.2317-6725.2026v31.77743

O vinho nas civilizações ocidentais: uma leitura histórico-cultural

Wine in Western Civilizations: a historical and cultural reading

Gil Karlos Ferri
https://orcid.org/0000-0003-3110-4745
Instituto Estadual de Educação-SC

Resumo: Este artigo investiga a historicidade do vinho enquanto artefato cultural estruturante das sociedades ocidentais, acompanhando sua trajetória desde as origens neolíticas da vinificação até sua inserção nos circuitos globais da contemporaneidade. Com base em um amplo conjunto de fontes arqueológicas, literárias, religiosas e iconográficas, o estudo analisa como o vinho ultrapassou sua condição de produto agrícola para tornar-se um elemento central na organização simbólica, social e cultural de diferentes sociedades ao longo do tempo. A pesquisa explora os múltiplos significados atribuídos ao vinho em distintos contextos históricos, evidenciando sua ambivalência como bebida sagrada e profana, remédio e veneno, alimento cotidiano e bem de prestígio. Ao percorrer as práticas vitivinícolas do Oriente Próximo, do mundo greco-romano, da cristandade medieval e da ciência moderna, o artigo destaca as continuidades, rupturas e ressignificações simbólicas que transformaram o vinho em marcador de identidade, distinção social, espiritualidade e civilidade. Ao articular perspectivas da história cultural, da botânica e da religião, o estudo evidencia o vinho como uma chave interpretativa privilegiada para compreender as relações entre cultura material, técnica e imaginário coletivo na formação histórica do Ocidente. Dessa forma, o artigo propõe a História do Vinho não apenas como um campo temático específico, mas como uma via analítica capaz de revelar processos de longa duração que moldaram sensibilidades, práticas sociais e sistemas de valores nas sociedades ocidentais.
Palavras-chave: Vitivinicultura. Ocidente. Civilizações mediterrânicas.

Abstract: This article investigates the historicity of wine as a structuring cultural artefact of Western societies, tracing its trajectory from the Neolithic origins of vinification to its incorporation into the global circuits of contemporaneity. Drawing on a broad range of archaeological, literary, religious, and iconographic sources, the study analyses how wine moved beyond its condition as an agricultural product to become a central element in the symbolic, social, and cultural organization of different societies over time. The research explores the multiple meanings attributed to wine in distinct historical contexts, highlighting its ambivalence as both sacred and profane beverage, remedy and poison, everyday food and object of prestige. By examining vitivinicultural practices in the Near East, the Greco-Roman world, medieval Christendom, and modern science, the article emphasizes the continuities, ruptures, and symbolic reconfigurations that transformed wine into a marker of identity, social distinction, spirituality, and civility. By articulating perspectives from cultural history, botany and religion, the study presents wine as a privileged interpretative key for understanding the relationships between material culture, technique, and the collective imagination in the historical formation of the West. In this way, the article proposes the History of Wine not merely as a specific thematic field, but as an analytical approach capable

Esta obra está licenciada sob uma Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional

of revealing long-term processes that shaped sensibilities, social practices, and systems of values in Western societies.
Keywords: Viticulture. Western culture. Mediterranean civilizations.

Introdução

O vinho é mais do que uma simples bebida alcoólica: é um artefato cultural, um marcador simbólico e um elemento estruturante de múltiplas sociedades ao longo da história. Como produto da domesticação vegetal e do engenho humano, o vinho sintetiza aspectos botânicos, sociais, econômicos, políticos, religiosos e sensoriais, o que o torna objeto privilegiado para a análise histórica e cultural do Ocidente.

Este artigo insere-se no campo da história cultural do vinho em diálogo com a história ambiental, compreendendo a vitivinicultura como prática material e simbólica de longa duração. A História Ambiental é um campo da historiografia que investiga as relações entre as sociedades humanas e o mundo natural ao longo do tempo, compreendendo que ambos se transformam mutuamente em processos históricos dinâmicos. Diferentemente das abordagens tradicionais, que tratavam a natureza apenas como cenário das ações humanas, essa perspectiva reconhece o ambiente como um agente histórico, capaz de influenciar e ser influenciado pelas práticas econômicas, políticas, culturais e tecnológicas das sociedades. Consolidada a partir da década de 1970, em diálogo com a crescente preocupação mundial com a crise ambiental, a História Ambiental busca compreender como os seres humanos utilizaram, modificaram e atribuíram significados aos ecossistemas, bem como as consequências dessas interações para a organização das paisagens e das civilizações. Trata-se, portanto, de um campo interdisciplinar que integra conhecimentos das ciências humanas e naturais para analisar, em perspectiva histórica, a complexa relação entre natureza e cultura, reconhecendo que a experiência humana é inseparável dos processos ecológicos que a condicionam e são por ela continuamente transformados (FERRI, 2017). A partir de fontes históricas, arqueológicas, artísticas e religiosas, examina-se como a bebida se constituiu em um dos pilares culturais do mundo mediterrânico. O objetivo é compreender como o vinho se inscreveu nas dinâmicas sociais e simbólicas das sociedades ocidentais, revelando as continuidades e rupturas entre as práticas antigas, medievais, modernas e contemporâneas que envolvem a produção e o consumo do vinho. Ao articular fontes arqueológicas, textuais, iconográficas e religiosas, o artigo busca evidenciar como o vinho se constituiu simultaneamente como artefato agrícola, marcador civilizacional e operador simbólico nas sociedades ocidentais. O estudo propõe um percurso pelas histórias do vinho no Ocidente, explorando suas múltiplas camadas de significados ao longo do tempo.

A civilização ocidental pode ser compreendida como um constructo histórico de longa duração, formado por camadas sucessivas de experiências culturais, técnicas, simbólicas e institucionais que se articularam, de modo dinâmico e por vezes contraditório, desde a Antiguidade mediterrânica até a contemporaneidade globalizada. Longe de constituir uma entidade homogênea ou linear, o Ocidente emerge do entrelaçamento entre heranças do Oriente Próximo, do mundo greco-romano, do cristianismo medieval, da ciência moderna e das transformações econômicas, políticas e tecnológicas dos últimos séculos. Trata-se de uma civilização marcada pela centralidade da relação entre natureza e cultura,

Esta obra está licenciada sob uma Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional

pela valorização da racionalidade técnica e científica, pela elaboração simbólica do sagrado e do profano e pela constante produção de distinções sociais, identitárias e territoriais. No âmbito da cultura material, a civilização ocidental construiu-se a partir da domesticação da paisagem, da sistematização de saberes agrários e da atribuição de significados culturais a objetos, alimentos e práticas cotidianas, como o vinho, que funcionaram simultaneamente como bens econômicos, signos simbólicos e mediadores sociais. Nesse sentido, o Ocidente não se define apenas por fronteiras geográficas, mas por um repertório compartilhado de valores, narrativas, técnicas e imaginários, continuamente reelaborados em contextos históricos específicos (BRAUDEL, 2004).

Os sistemas alimentares constituem elementos fundamentais na organização das civilizações, expressando valores, identidades e formas de organização social que ultrapassam a dimensão biológica da alimentação. Nesse contexto, o vinho ocupava posição central nas sociedades da Antiguidade Clássica, integrando a tríade alimentar mediterrânea ao lado do pão e do azeite. Mais do que uma bebida, representava um importante marcador cultural, presente nos banquetes, nos rituais religiosos, nas práticas de hospitalidade e na sociabilidade política, tornando-se um dos símbolos distintivos da civilização greco-romana. Sua produção, circulação e consumo refletiam não apenas condições econômicas e agrícolas, mas também concepções de ordem, civilidade e pertencimento, evidenciando como os hábitos alimentares participavam da construção das identidades coletivas no mundo mediterrânico (FLANDRIN & MONTANARI, 1998, p. 107-266).

Ao longo do texto, empregam-se de modo complementar os termos vinicultura, vitivinicultura e cultura do vinho. O primeiro refere-se às práticas agrícolas diretamente relacionadas ao cultivo da videira; o segundo abrange o conjunto técnico-produtivo que envolve o cultivo da uva e a elaboração do vinho; já a expressão cultura do vinho é utilizada para designar o universo simbólico, social e ritual associado ao consumo, à circulação e aos significados históricos da bebida.

A gênesis vinícola: das montanhas do Ararate ao cálice sagrado

A história do vinho confunde-se, desde suas origens mais remotas, com a própria história da experiência humana na terra, situando-se na confluência entre natureza, técnica, simbolismo e religiosidade. Poucos produtos agrícolas foram capazes de condensar, de forma tão duradoura, dimensões aparentemente contraditórias da vida social, como alimento e veneno, remédio e perigo, objeto cotidiano e bem de prestígio. Desde o momento em que grupos humanos passaram a observar, manipular e repetir o processo de fermentação espontânea das uvas, o vinho deixou de ser apenas um resultado contingente da natureza para tornar-se uma prática cultural intencional, carregada de significados. Sua produção implicou a domesticação da paisagem, o domínio do tempo agrícola e a elaboração de saberes técnicos transmitidos entre gerações, ao mesmo tempo em que despertou interpretações míticas, rituais e cosmológicas. Assim, a gênese vinícola deve ser compreendida como um processo histórico no qual a técnica agrícola e a elaboração simbólica caminharam juntas, dando origem a um artefato que acompanhou a humanidade desde o Neolítico até os sistemas religiosos e culturais mais complexos do mundo antigo.

Assim como as demais bebidas alcoólicas, o vinho é consumido, entre outros fatores, por seus efeitos relaxantes e sensoriais. Para muitas sociedades, o vinho é

Esta obra está licenciada sob uma Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional

essencial para o dia a dia, utilizado como alimento e remédio. Em alguns contextos, é utilizado como produto de luxo, atestando status social e poder. É símbolo de civilidade e sofisticação, mas também uma ameaça à ordem social. É parte de uma dieta saudável e, ao mesmo tempo, pode matar. É exatamente essa complexidade que torna a história do vinho tão irresistível (FERRI & NODARI, 2024).

Evidências arqueobotânicas sugerem que a vinicultura começou no Oriente Próximo durante o período Neolítico. Análises químicas de compostos orgânicos antigos absorvidos nos tecidos de cerâmica da Geórgia, na região do Sul do Cáucaso, fornecem as primeiras evidências arqueológicas biomoleculares para vinho de uva em c. 6000-5800 a.C. (MCGOVERN et al., 2017, p. 312). A partir deste primeiro núcleo de vinificação, as principais rotas de migração da videira ao redor da bacia do Mediterrâneo podem ter sido: 1) do Monte Ararate à Grécia, passando pela Mesopotâmia, Egito e Anatólia; 2) da Grécia para a Magna Graecia (Sicília, Sul da Itália), França (Marselha) e Espanha; e 3) da França ao norte da Europa (GRASSI & DE LORENZIS, 2021, p. 03). Embora a domesticação da região do Cáucaso do Sul esteja associada à vinificação precoce, a origem do vinho na Europa Ocidental está associada à fertilização cruzada (introgressão) entre as populações autóctones da Europa Ocidental e as uvas domesticadas originárias do Oriente Próximo que foram inicialmente usadas como fontes de alimento (DONG et al., 2023, p. 892).

Inúmeras lendas falam sobre o início da produção de vinhos, e uma delas está presente no Velho Testamento da Bíblia. A tradição judaico-cristã conta que Noé, após ter desembarcado os animais da arca, teria plantado um vinhedo, a partir do qual fizera o primeiro vinho e se embriagou (BÍBLIA, Gênesis 9, 20-21). Porém, o aspecto mais curioso quanto à história de Noé é o local onde a arca teria ancorado: o Monte Ararate (5137 m.) (BÍBLIA, Gênesis 8, 4). O monte fica localizado no Cáucaso (Anatólia, Turquia), região onde os dados arqueológicos e genéticos apresentados anteriormente apontam como um dos primeiros locais onde a humanidade possivelmente iniciou a domesticação e a disseminação do cultivo das videiras.

Nas religiões em que o sacrifício propiciatório ocupava lugar central, o vinho desempenhou papel de especial importância. Quando feito a partir de uvas tintas, o vinho tinha a cor do sangue e podia ser relacionado ao sacrifício de seres vivos. Em um estágio muito inicial da história humana, o vinho se tornou uma forma alternativa de oferenda divina (CHARTERS, 2006, p. 159).

O vinho, enquanto bebida de origem milenar, estabeleceu profundas conexões com distintas tradições religiosas. No judaísmo, é considerado um símbolo de bênção, presente em cerimônias como a Páscoa, o Sabbath e o Kidush. No catolicismo, o vinho está diretamente relacionado à figura de Jesus Cristo, sendo elemento central da Eucaristia, instituída na Última Ceia. O Concílio de Trento determinou que, para uso litúrgico, o vinho deve ser natural, genuíno e livre de quaisquer aditivos. No islamismo, embora o vinho tenha presença simbólica, a legislação religiosa proíbe o consumo de bebidas alcoólicas (FERRI, 2019).

Mais do que uma simples bebida fermentada, o vinho é um artefato simbólico que atravessa milênios de história humana, enraizando-se nas práticas agrícolas, nos ritos sagrados, nas mitologias fundadoras e nas sensibilidades estéticas das civilizações. Por isso, compreender a gênese vinícola não é apenas rastrear a origem de uma prática agrícola, mas seguir os caminhos pelos quais a humanidade projetou sentidos sobre si mesma, sobre os deuses e sobre o mundo.

Esta obra está licenciada sob uma Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional

A partir de sua domesticação e disseminação inicial no espaço próximo-oriental e mediterrânico, o vinho rapidamente ultrapassou sua condição de produto agrícola para integrar sistemas simbólicos complexos. Essa passagem da esfera técnica para a esfera cultural torna-se particularmente visível no mundo antigo, onde a vitivinicultura se associou à religião, à filosofia e às concepções de civilidade que marcaram as sociedades greco-romanas.

A trajetória inicial do vinho, desde os primeiros experimentos de vinificação no Cáucaso até sua incorporação plena nos sistemas simbólicos das grandes civilizações do Mediterrâneo, revela um movimento contínuo de ressignificação cultural. A bebida que emergiu de práticas agrícolas neolíticas rapidamente ultrapassou os limites do consumo alimentar para assumir funções rituais, sacrificiais e identitárias, tornando-se mediadora entre o humano e o divino. Ao ser associado ao sangue, à vida e à renovação, o vinho passou a ocupar um lugar central nas religiões do Oriente Próximo e, posteriormente, nas tradições judaico-cristãs e greco-romanas, sem perder sua materialidade concreta como produto da terra e do trabalho humano. Essa dupla condição — simultaneamente natural e cultural, técnica e simbólica — permitiu que o vinho atravessasse milênios como um dos mais potentes artefatos históricos da humanidade. Compreender a gênese vinícola, portanto, implica reconhecer que o vinho não é apenas resultado de um processo biológico controlado, mas um objeto cultural total, no sentido antropológico do termo, capaz de revelar como sociedades distintas elaboraram suas concepções de tempo, sacralidade, civilidade e pertencimento. É nesse entrelaçamento profundo entre paisagem, técnica e simbolismo que o vinho se afirma como testemunho privilegiado da longa duração histórica, ligando as montanhas do Ararate ao cálice sagrado que, até hoje, materializa a memória cultural de civilizações inteiras.

A centralidade simbólica do cálice sagrado representa um dos momentos mais expressivos desse processo de ressignificação histórica do vinho. Associado, na tradição cristã, à Última Ceia, o recipiente utilizado por Jesus para compartilhar o vinho com seus discípulos converteu-se em um dos principais símbolos da Eucaristia, na qual o vinho passou a representar sacramentalmente o sangue de Cristo e a nova aliança entre Deus e a humanidade (Mc 14:22–25; Lc 22:17–20). Ao longo da Idade Média, essa tradição foi enriquecida pelo culto às relíquias e pela elaboração de narrativas que conferiram ao cálice um estatuto singular no imaginário cristão, reforçando sua dimensão espiritual e litúrgica. Assim, o vinho deixou de representar apenas a fertilidade da terra e a abundância das colheitas para tornar-se também expressão da redenção, da comunhão e da memória religiosa, evidenciando como um produto agrícola foi continuamente revestido de significados culturais que ultrapassaram sua materialidade e consolidaram sua permanência na história do Ocidente (LE GOFF, 2005).

Baco ama as colinas: a cultura do vinho entre gregos e romanos

Na Antiguidade mediterrânica, o vinho configurou-se como um dos mais complexos e persistentes artefatos culturais da experiência humana, articulando de modo singular práticas agrícolas, sistemas simbólicos e formas de organização social. Entre gregos e romanos, a vinha não era apenas um elemento da paisagem produtiva, mas um marcador civilizacional capaz de distinguir modos de vida, hierarquias culturais e concepções morais.

Esta obra está licenciada sob uma Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional

O cultivo da videira exigia conhecimento acumulado sobre solos, climas, encostas e ciclos naturais, integrando-se a saberes empíricos que, progressivamente, foram convertidos em discursos filosóficos, mitológicos e técnicos. Ao mesmo tempo, o vinho ocupava um lugar central nas narrativas fundacionais do mundo clássico, sendo associado à hospitalidade, à sociabilidade política, à celebração ritual e à mediação entre humanos e deuses. Sua circulação acompanhou os movimentos de colonização grega e a expansão romana, fazendo da vitivinicultura um vetor privilegiado de difusão cultural no Mediterrâneo, no qual práticas produtivas, cultos religiosos e valores civilizacionais se deslocavam conjuntamente, inscrevendo-se de forma duradoura nos territórios conquistados e habitados (MCGOVERN, 2003).

Na História Antiga, o vinho aparece como elemento central de diversas narrativas, nas quais muitos escritos revelam sua faceta como bebida civilizacional. Sócrates afirmava que “a agricultura é a mãe nutriz de todas as artes” (SOCRATE apud DEPERAIS, 1879, p. 13), enquanto Tucídides dizia que “os povos do Mediterrâneo começaram a emergir da barbárie quando aprenderam a cultivar a oliveira e a vinha” (TUCIDIDE apud PARLAMENTO ITALIANO, 2016).

Os antigos gregos contribuíram para a inserção e a propagação de novas práticas do cultivo da vinha em muitas partes do Mediterrâneo: no norte da África, Andaluzia, Provença, Sul da Itália e Sicília. Para os gregos, Dionísio era a divindade associada ao vinho. Curiosamente, assim como a própria disseminação do cultivo das videiras, seu culto originou-se na região do mar Negro e espalhou-se para a região do mar Mediterrâneo. Na Figura 01, a cena pintada por Exéquias sintetiza a profunda associação entre o vinho, a navegação e a esfera divina na cultura grega, ao representar Dionísio reclinado em uma embarcação cercada por golfinhos, em referência ao episódio mítico de sua manifestação diante de piratas tirrenos. Mais do que ilustrar um mito, a composição evidencia o papel do vinho como elemento civilizador e religioso, simbolizando a capacidade de Dionísio de transformar a natureza, impor sua divindade e integrar o vinho às práticas culturais, rituais e identitárias do mundo mediterrânico.

Esta obra está licenciada sob uma Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional

Figura 01 – Detalhe interno do kylix “A viagem de Dionísio”. Fonte: Dionísio reclinado com um ríton em um navio navegando entre golfinhos. Kylix assinado por Exekias, 30,5 cm/diâmetro, proveniente de Vulci, Itália, c. 530 a.C. Acervo: Staatliche Antikensammlungen (Inv. 2044). Munique, Alemanha.



Fonte: Fotografia digital, por Egisto Sani, disponível em: http://ancientrome.ru/art/artworken/img.htm?id=8578. Acesso em: 21 jan. 2026.

A representação de Dionísio navegando entre golfinhos não apenas ilustra o imaginário mítico grego, mas também simboliza a própria circulação do vinho e de seu culto pelo Mediterrâneo. A imagem sugere a associação entre mobilidade, expansão cultural e vitivinicultura, reforçando a ideia de que o vinho acompanhou os fluxos comerciais, coloniais

Esta obra está licenciada sob uma Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional

e religiosos que estruturaram o mundo antigo.

Na Península Itálica, antes das expedições gregas, os latinos já tinham conhecimento do cultivo da videira e da produção de vinho, pois a videira estava entre as plantas nativas da península. No século V a.C. Sófocles definiu a Itália como o país “amado por Baco”, e a região habitada por povos estabelecidos na costa da Calábria, Lucania e sul da Campânia recebeu o nome de Enótria [“terra das vinhas”] (PASQUALE, 2010, p. 20). Dionísio (para os antigos gregos) ou Baco (para os antigos romanos) era a divindade associada ao vinho (BRANDÃO, 1987, p. 117). No século I a.C. foi Virgílio que escreveu “Bacchus amat colles” [“Baco ama as colinas”] (VIRGILIUS, 1519, Geórgicas II-113), uma referência mitológica à divindade associada ao vinho nas encostas da península que ao longo dos séculos tornou-se referência e manteve-se na vanguarda da vitivinicultura mundial. Na Figura 02, o afresco de Pompeia evidencia a estreita relação entre a vitivinicultura, a religiosidade e a paisagem no mundo romano. Ao representar Baco diante do Monte Vesúvio coberto por videiras, a composição associa a fertilidade proporcionada pelos solos vulcânicos à proteção divina sobre a produção do vinho, reforçando a importância econômica e simbólica da viticultura na região da Campânia. A imagem também expressa a concepção romana de que a abundância agrícola resultava da interação entre os ciclos da natureza, a intervenção dos deuses e o trabalho humano, transformando a paisagem em um espaço simultaneamente produtivo, religioso e cultural.

Figura 02 – Detalhe de afresco representando Baco e o Vesúvio. Pompéia, 68-79 d.C. Fonte: Bacco e il Vesuvio. Affresco, 140 x 102 cm. Casa del Centenario, Pompei, c. 68-79 d.C. Acervo: Museo Archeologico Nazionale (Sala LXXV, inv. 112286). Napoli, Italia.

Esta obra está licenciada sob uma Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional



Fonte: Fotografia digital, por Luigi Spina, disponível em: https://artsandculture.google.com/asset/bacco-e-il-vesuvio/lwHk6TKir94r9Q. Acesso em: 21 jan. 2026

Para os antigos romanos, o vinho constituía a bebida civilizada por excelência. Apesar de os cidadãos romanos associarem o consumo de bebidas fermentadas à base de cereais aos povos bárbaros (LODI-RIBEIRO, 2016, p. 11), durante a maior parte do período do Reino, se bebia cerveja em Roma, pois o vinho era caro, sendo produzido em poucas regiões da Itália e importado da Grécia. A difusão dos vinhedos foi um processo que ocorreu durante a República, de forma que barateou essa bebida, tornando-a mais acessível, mesmo que significasse vender-se vinho de baixa qualidade para os plebeus. Uma inscrição epitáfia romana do primeiro século, dedicada a Tiberius Claudius Secundus, apresenta uma opinião popular possivelmente muito difundida naquele período:

Balnea, Vina, Venus

Esta obra está licenciada sob uma Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional

corrumpunt corpora
nostra, set vitam faciunt
B(alnea), V(ina), V(enus).

[Termas, vinho e sexo
arruínam os nossos corpos,
mas são eles a essência da vida
– termas, vinho e sexo.] (CIL, 1886, p. 1759).

Diversos tratados sobre agricultura foram produzidos pelos antigos romanos. A obra De re rustica, escrita por Columella no século I d.C., é um exemplo desses tratados, o qual trouxe algumas observações sobre o cultivo da videira (DE AGRICOLTURA, 1559, f. 43v.). Séculos antes do desenvolvimento do conceito de terroir, Columella considerou diversos fatores para o melhor rendimento produtivo dos vinhedos e para a qualidade do vinho. Informações e dicas sobre vitivinicultura também aparecem na obra Geórgicas (LE GEORGICHE, 1831), poemas escritos por Virgílio entre 36 e 29 a.C. em quatro livros, e Geoponicas – uma coleção de vinte livros sobre agronomia e agricultura escritos em gregos e compilados durante o século X (CONSTANTINI, 1540, p. 86-180).

A análise da cultura do vinho entre gregos e romanos evidencia que a vitivinicultura não apenas ocupava uma função econômica e agrícola, mas também se articulava com estruturas religiosas, filosóficas e políticas. O estudo da Antiguidade mediterrânica sob a ótica da história do vinho permite compreender como saberes ecológicos, mitologias e racionalidades produtivas se integraram na constituição de uma paisagem como expressão de uma civilização profundamente enraizada na vinha.

Com o declínio das estruturas políticas romanas no Ocidente, muitos saberes técnicos e práticas agrícolas não desapareceram, mas foram reelaborados sob novas formas institucionais. A vitivinicultura constitui um exemplo eloquente dessa continuidade transformada, pois, ao ser incorporada pela Igreja Católica, preservou técnicas antigas ao mesmo tempo em que adquiriu novos sentidos litúrgicos, identitários e territoriais.

A análise da cultura do vinho entre gregos e romanos revela, portanto, um processo histórico de longa duração no qual a vitivinicultura se consolidou como uma linguagem comum capaz de integrar natureza, técnica e simbolismo. A vinha moldou paisagens, organizou o trabalho agrícola e estruturou calendários sociais, ao mesmo tempo em que forneceu um repertório simbólico mobilizado por poetas, filósofos, médicos e agrônomos para pensar a condição humana, a moderação dos prazeres e a ordem do mundo. Ao ser elevada ao estatuto de bebida civilizada por excelência, em oposição às bebidas fermentadas associadas aos povos considerados bárbaros, o vinho tornou-se um instrumento de distinção cultural e política, reforçando fronteiras identitárias no interior do Mediterrâneo antigo. Essa centralidade simbólica e técnica permitiu que os saberes vitivinícolas atravessassem o colapso das estruturas políticas romanas sem se dissolver, sendo reelaborados e preservados por novas instituições, em especial a Igreja Católica. Assim, a vinha antiga não deve ser compreendida apenas como um legado agrícola, mas como um elemento estruturante de uma tradição cultural que atravessou séculos, contribuindo decisivamente para a formação das paisagens, das sensibilidades e das identidades que viriam a caracterizar o Ocidente medieval e moderno (MCGOVERN, 2003).

.

Esta obra está licenciada sob uma Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional

O legado da vinha medieval: cristianismo e identidade cultural no Ocidente

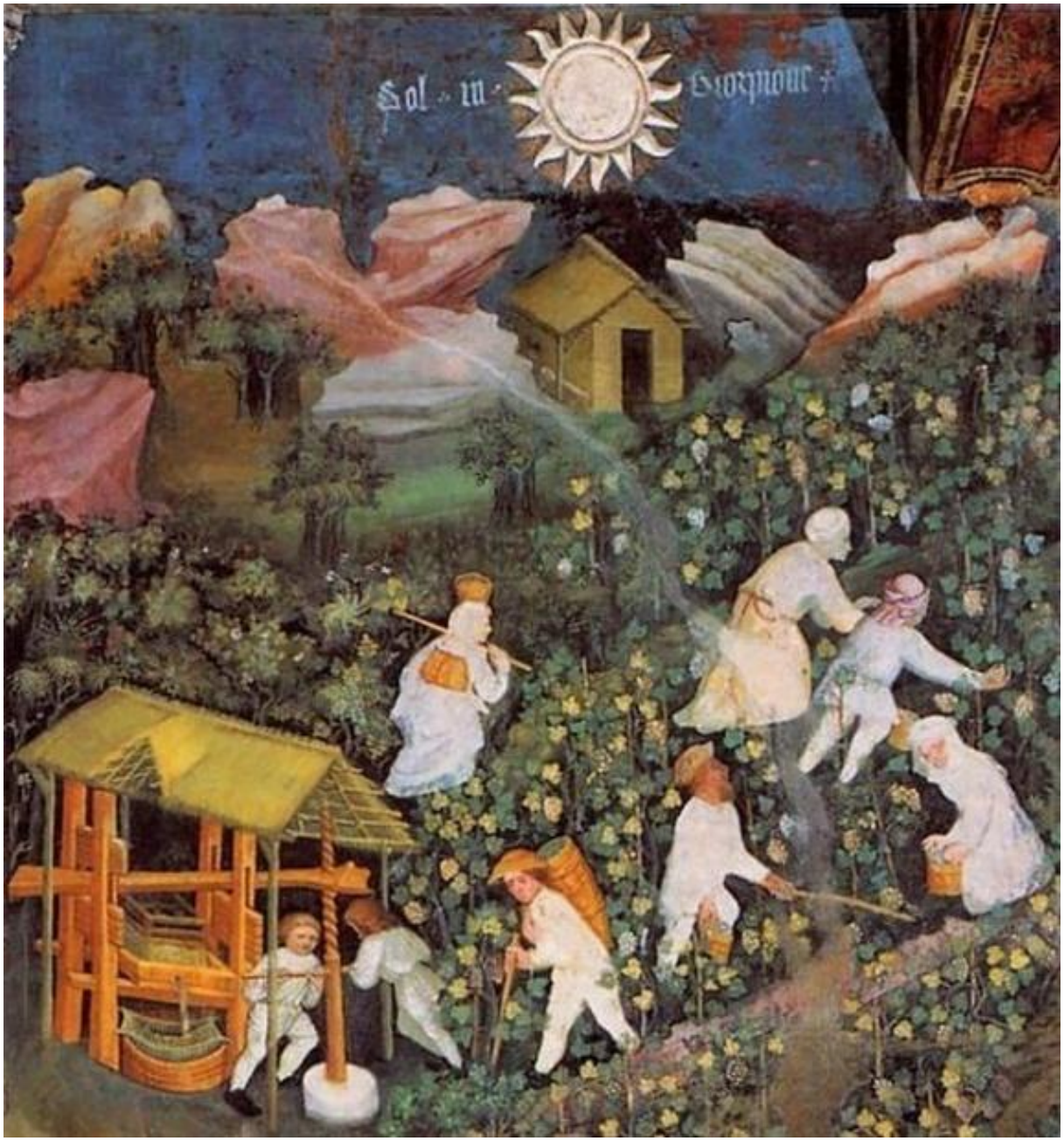
A consolidação do cristianismo como eixo estruturante da sociedade medieval ocidental conferiu à vinha e ao vinho um estatuto singular, que ultrapassava em muito sua dimensão econômica ou alimentar. Herdando práticas vitivinícolas do mundo romano, a Idade Média cristã reinterpretou o vinho à luz de uma cosmologia sacramental, na qual natureza, trabalho humano e transcendência se articulavam de forma indissociável. Nesse contexto, a vinha tornou-se não apenas um espaço produtivo, mas também um território simbólico, no qual se projetavam valores teológicos, normas morais e hierarquias sociais. A associação entre vinho, Eucaristia, disciplina monástica e organização do tempo agrícola contribuiu para que a vitivinicultura se afirmasse como um dos pilares da cultura material e espiritual do Ocidente medieval. Assim, compreender o papel da vinha nesse período implica reconhecer sua função como mediadora entre o legado clássico, a institucionalização da Igreja e a construção de identidades culturais que perdurariam para além da Idade Média.

Após a fragmentação e queda do Império Romano do Ocidente, a Igreja Católica tornou-se a instituição mais estruturada e influente da Europa Ocidental (DIRKSEN, 2022, p. 10 e 241). No contexto de ruralização da Europa, o cultivo de vinhas espalhou-se em todos os vilarejos onde seu cultivo fosse possível (COMENIUS, 1802, p. 111).

A importância do vinho foi retroalimentada sob a influência da Igreja Católica. No capítulo 40 da Regula Sancti Benedicti [Regra de São Bento], Bento de Núrsia, fundador da mais antiga ordem religiosa católica, prescrevia que uma medida de vinho (c. 570 ml) por dia seria o suficiente para todos (COMM. IN REGULAM, c. 914-934). No Medioevo italiano, em todos os lugares onde o clima e o solo foram favoráveis para a inserção de vinhedos, a vitivinicultura foi desenvolvida, sobretudo nas propriedades ligadas a Igreja Católica. Na Figura 03, o afresco do mês de outubro, pertencente ao ciclo dos meses da Torre Aquila, revela como a vitivinicultura ocupava posição central na organização econômica, social e simbólica da sociedade medieval alpina. A representação da vindima e da fabricação do vinho integra o calendário agrícola às concepções de tempo, trabalho e ordem social, evidenciando a estreita dependência entre os ritmos da natureza e as atividades humanas. Encomendado durante o episcopado de Giorgio di Liechtenstein, o ciclo iconográfico também desempenhava uma função política, ao associar a prosperidade das colheitas e a estabilidade da vida rural à autoridade senhorial e ao poder episcopal, legitimando a restauração da ordem feudal no Principado Episcopal de Trento por meio da representação idealizada da paisagem, do trabalho camponês e da abundância agrícola.

Figura 03 – Fotografia de detalhe do afresco do mês de outubro do ciclo dos meses na Torre Aquila do Castello del Buonconsiglio de Trento (1391-1407). Destaque para a vindima, com a representação da colheita das uvas e a fabricação do vinho. A obra do ciclo dos meses é atribuída ao mestre Venceslao e foi encomendada por Giorgio di Liechtenstein, o qual assumiu o bispado de Trento entre 1391 e 1407 com um projeto de reafirmação dos direitos principescos e restauração feudal. Trento, Itália, 09 set. 2023.

Esta obra está licenciada sob uma Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional



Fonte: Foto: Gil Karlos Ferri.

A cena da vindima no ciclo dos meses da Torre Aquila evidencia a centralidade do vinho na organização do tempo social medieval. Ao inscrever a colheita da uva no calendário visual do trabalho e das estações, a imagem revela como a vitivinicultura estruturava ritmos agrícolas, práticas comunitárias e representações simbólicas da ordem social cristã.

Durante a Idade Média, sobretudo com a institucionalização das universidades, diversas compilações médicas foram escritas relacionando o consumo do vinho com a saúde humana. Uma das obras mais reeditadas e readaptadas foi o Regimen Sanitatis Salernitanum [Regra Sanitária de Salerno], que consiste em um conjunto de teorias e preceitos – principalmente sobre higiene, dietética, fisiologia, patologia e terapêutica –

Esta obra está licenciada sob uma Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional

reunidos pela Escola Médica de Salerno (séculos XI e XII) e pela Escola de Medicina de Montpellier (século XIII). Na obra, o vinho é citado por “ser usado como remédio”, ser “nutritivo” e “proteger a saúde” (REGIMEN, 1505).

O vinho ocupou posição ambivalente no pensamento médico e religioso europeu medieval. Se, por um lado, era amplamente recomendado pelos tratados de medicina por suas propriedades terapêuticas, digestivas e fortificantes, sendo empregado no preparo de medicamentos, na conservação de ervas medicinais e no tratamento de diversas enfermidades, por outro, seu consumo excessivo era frequentemente condenado pelos moralistas e teólogos cristãos. Fundamentada na teoria hipocrático-galênica dos humores, a medicina medieval atribuía ao vinho a capacidade de aquecer o corpo, favorecer a digestão, estimular a circulação dos humores e restaurar as forças dos enfermos, desde que ingerido com moderação e em conformidade com a constituição física, a idade e as condições climáticas (SIRAISI, 1990). Em contraste, a embriaguez era entendida como um desvio moral e espiritual, associada ao pecado da gula, à perda da razão e ao enfraquecimento das virtudes cristãs, motivo pelo qual pregadores, monges e autores de espelhos morais advertiam continuamente contra os perigos do excesso. Dessa forma, o vinho permaneceu, ao longo da cristandade medieval, como um elemento simultaneamente terapêutico, litúrgico e moral, cuja legitimidade dependia menos de sua natureza do que da forma como era consumido.

Na passagem do período medieval para o moderno, a vitivinicultura se expandiu na Europa sob forte influência da Igreja Católica, que valorizava o vinho por seu uso litúrgico, medicinal e simbólico. O consumo moderado de vinho permaneceu como um marcador civilizatório para os povos do Mediterrâneo. Conforme observou o historiador francês Fernand Braudel, os habitantes do mediterrâneo pareciam olhar maliciosamente para os bebedores do Norte que, do ponto de vista deles, não sabiam beber vinho de maneira civilizada (BRAUDEL, 1994, p. 14-15). Em suma, o cultivo em terras eclesiásticas e sua associação à civilização mediterrânica tornou o vinho um elemento central da cultura europeia e, por conseguinte, Ocidental.

O legado da vinha medieval não pode ser reduzido a uma simples continuidade técnica do passado romano, mas deve ser entendido como um processo histórico complexo, no qual o cristianismo atuou como agente de ressignificação cultural. Ao integrar o vinho aos rituais litúrgicos, às prescrições morais, às práticas médicas e aos calendários agrícolas, a Igreja Católica contribuiu decisivamente para a sua legitimação como bebida civilizadora e marcador identitário do Ocidente. A centralidade do vinho na experiência medieval moldou hábitos alimentares, discursos sobre saúde e concepções de moderação, ao mesmo tempo em que reforçou distinções simbólicas entre o Mediterrâneo vitivinícola e outras regiões europeias. Esse enraizamento cultural permitiu que o vinho atravessasse a transição para a modernidade preservando sua carga simbólica, mesmo diante das transformações econômicas, científicas e sociais posteriores. Assim, a vinha medieval configura-se como um espaço privilegiado de observação das relações entre religião, natureza e cultura, revelando como práticas agrícolas aparentemente ordinárias participaram ativamente da construção de uma identidade ocidental duradoura, na qual o vinho permaneceu como signo de continuidade histórica, pertencimento cultural e elaboração simbólica do mundo social.

Modernidade e contemporaneidade: o vinho na ciência, a ciência do vinho

Esta obra está licenciada sob uma Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional

A modernidade inaugurou uma inflexão decisiva na história do vinho ao submeter práticas vitivinícolas milenares a novos regimes de racionalidade científica, sem, contudo, dissolver a densidade simbólica acumulada ao longo dos séculos. A partir do Renascimento e, sobretudo, com o avanço do pensamento experimental, o vinho passou a ser observado, classificado e avaliado segundo critérios cada vez mais sistemáticos, integrando-se aos debates médicos, naturais e morais que caracterizaram a construção do saber moderno. Esse movimento não representou uma ruptura absoluta com o passado, mas um processo de reinterpretação, no qual tradições empíricas foram progressivamente traduzidas em linguagem técnica e científica. O vinho tornou-se, assim, um objeto privilegiado de observação das tensões próprias da modernidade: entre natureza e cultura, entre experiência sensível e mensuração racional, entre herança simbólica e controle técnico. Ao mesmo tempo em que a ciência buscava dominar os processos de fermentação, conservação e qualidade, o vinho continuava a operar como marcador social, elemento identitário e signo cultural profundamente enraizado nos modos de vida europeus, agora projetados para uma escala global por meio da expansão colonial e do comércio transoceânico.

Embora a modernidade tenha aprofundado o conhecimento técnico e científico sobre o vinho, esses avanços não eliminaram sua dimensão simbólica. Ao contrário, a consolidação da enologia científica redefiniu critérios de qualidade, autenticidade e distinção, transformando o vinho em objeto de saber especializado e em marcador cultural associado à noção de progresso, racionalidade e controle da natureza.

Na Idade Moderna o vinho foi tema de diversos estudos e tratados com pretensões científicas, muitos deles advertindo sobre os malefícios da bebida e/ou relacionando seu consumo com o tratamento de doenças. Dentre os estudos representativos deste período, destacam-se o De naturali vinorum historia [História natural dos vinhos], de Andrea Bacci (1596) (BACCI, 1596), o Discorso della natura del vino, delle sue differenze e del suo uso retto [Discussão sobre a natureza do vinho, suas diferenças e seu uso correto], de Paolo Mini (1596) (MINI, 1596), o Trattato dell'uso et modo di dare il vino nelle malattie acute [Tratado sobre o uso e método de dar vinho em doenças agudas], de Cesare Crivellatti (1600) (CRIVELLATI, 1600), o De historia vini et febrium [História do vinho e da febre], de Maurizio Tirelli (1600) (TIRELLI, 1630), o Tractatus de vinea, vindemia et vino [Tratado sobre a vinha, a vindima e o vinho], de Prospero Rendella (1629) (RENDELLA, 1629) e os “Discursos sobre a água e o vinho”, publicado em 1735 (SINESIO & TAGLIAZUCCHI, 1735), no qual os autores Secondo Sinesio e Giampietro Tagliazucchi discorrem sobre as qualidades do vinho e as vantagens do seu consumo para a manutenção da saúde humana.

Com as navegações e a exploração de novos continentes, a vitivinicultura acompanhou os europeus e seus descendentes no processo de ocupação territorial. Nas Américas, o desejo de criar uma “Nova Espanha” e a necessidade de beber vinho impulsionaram a inserção das primeiras práticas do cultivo da videira e produção de vinho (CHARTERS, 2006, p. 27 e 28) Os desdobramentos da colonização europeia modificaram e ainda seguem modificando paisagens com diversos níveis de impactos em diversos locais, como, por exemplo, a inserção de variedades Vitis vinifera europeias (espécies exóticas) nos ecossistemas locais das Américas, África, Ásia e Oceania.

Esta obra está licenciada sob uma Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional

Sobre a vitivinicultura dos séculos XIX e XX1, podemos destacar que a crise causada por diversos patógenos, a expansão do cultivo e o aprimoramento industrial da fabricação de vinhos foram os aspectos que se destacam nos últimos 200 anos da vitivinicultura global. No século XIX, a vitivinicultura europeia enfrentou seu maior colapso com a chegada da filoxera, um inseto originário da América do Norte que devastou vinhedos inteiros, obrigando a reestruturação do setor por meio do enxerto de videiras europeias em porta-enxertos americanos. A crise da filoxera no século XIX não representou apenas um colapso agrícola, mas um verdadeiro trauma ambiental e cultural para as sociedades vitivinícolas europeias. A devastação dos vinhedos abalou economias regionais inteiras, desestruturou paisagens historicamente moldadas pela vinha e colocou em xeque saberes tradicionais transmitidos ao longo de gerações. A solução encontrada — o enxerto de variedades europeias em porta-enxertos americanos — simbolizou uma inflexão decisiva na relação entre natureza e técnica, inaugurando um modelo vitícola híbrido que combinava práticas ancestrais com intervenções científicas sistemáticas. Esse processo marcou a transição definitiva de uma viticultura predominantemente empírica para uma viticultura tecnocientífica, ao mesmo tempo em que revelou a crescente dependência do setor em relação ao conhecimento botânico, à genética vegetal e à circulação global de espécies (FERRI, 2024).

Paralelamente, esse período assistiu à consolidação científica da enologia, com avanços impulsionados por estudos microbiológicos — como os de Louis Pasteur — que revolucionaram a compreensão da fermentação e permitiram maior controle do processo de vinificação. A consolidação da enologia como campo científico no final do século XIX redefiniu profundamente os modos de produzir, compreender e valorar o vinho. Os estudos de Louis Pasteur sobre fermentação alcoólica não apenas permitiram maior controle microbiológico do processo de vinificação, como também deslocaram o vinho do domínio exclusivo da tradição para o da ciência experimental. A partir desse momento, noções como pureza, estabilidade, defeito e qualidade passaram a ser reguladas por parâmetros laboratoriais, transformando o vinho em objeto de análise técnica e de normatização industrial. Esse novo regime de saber não eliminou os saberes locais, mas passou a coexistir com eles em uma relação frequentemente tensa, na qual práticas tradicionais foram reinterpretadas, padronizadas ou, em alguns casos, marginalizadas em nome da eficiência produtiva e da segurança sanitária.

Já no século XX, a viticultura expandiu-se para novas regiões do globo, como América do Sul, África do Sul, Oceania e Califórnia, resultando em uma mundialização do vinho enquanto produto cultural e econômico. A mecanização dos processos agrícolas, a padronização industrial e a regulamentação das denominações de origem contribuíram para o surgimento de um mercado global cada vez mais competitivo e tecnificado, sem, contudo, eliminar as identidades locais que seguem marcando os modos de produção tradicionais em diversas regiões. A expansão da vitivinicultura para fora do eixo europeu tradicional aprofundou ainda mais a dimensão global do vinho. Regiões como América do Sul, Califórnia, África do Sul e Oceania tornaram-se protagonistas de um novo cenário vitivinícola, marcado pela adaptação de variedades europeias a ecossistemas distintos e

[1] Para um debate ampliado sobre a vitivinicultura nos séculos XIX e XX, cf.: FERRI, Gil Karlos. **Variedades PIWI**: a vitivinicultura no Planalto de Santa Catarina (Brasil) e as pesquisas de melhoramento genético de videiras sob a perspectiva da História Ambiental Global. Tese de Doutorado em História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis (SC), 2024. 400p. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/264150>. Acesso em: 21 jan. 2026.

Esta obra está licenciada sob uma Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional

pela incorporação de tecnologias modernas desde a origem. Esse processo contribuiu para a formação de um mercado internacional altamente competitivo, no qual marcas, denominações de origem e narrativas identitárias passaram a desempenhar papel central. Ao mesmo tempo, a regulamentação das indicações geográficas e das denominações de origem, sobretudo na Europa, pode ser interpretada como uma resposta cultural e política à mundialização do vinho, buscando proteger vínculos entre produto, território e tradição frente às pressões da padronização global.

A trajetória do vinho na modernidade e na contemporaneidade evidencia a complexa articulação entre ciência, técnica e cultura na conformação de saberes e práticas que moldaram, ao longo dos séculos, não apenas os processos produtivos, mas também os significados atribuídos a essa bebida em diferentes contextos históricos e geográficos.

Ao percorrermos alguns momentos da relação humana com as videiras e o vinho, o adágio popular de que “o homem faz o vinho e o vinho refaz o homem” faz algum sentido. Na atualidade, em meio aos avanços da viticultura de precisão, da biotecnologia e das crescentes preocupações ambientais, o vinho permanece como artefato privilegiado para a compreensão das transformações históricas, revelando-se simultaneamente expressão da permanência de tradições e indicador das dinâmicas contemporâneas de inovação e globalização. Os avanços da viticultura de precisão, da biotecnologia e das ciências ambientais recolocam o vinho no centro dos debates sobre sustentabilidade, mudanças climáticas e gestão da paisagem. O uso de sensores, modelagens climáticas, seleção genética e práticas agroecológicas revela uma nova etapa na longa história da relação entre humanidade e videiras, na qual a técnica busca não apenas maximizar a produtividade, mas também mitigar impactos ambientais e preservar ecossistemas vitícolas. Nesse contexto, o vinho reafirma sua condição de artefato histórico privilegiado, pois condensa tensões entre tradição e inovação, identidade local e mercado global, ciência e cultura. Assim, mais do que um produto econômico, o vinho continua a operar como espelho das transformações sociais, ambientais e simbólicas que caracterizam o mundo contemporâneo.

A trajetória do vinho na modernidade e na contemporaneidade revela, portanto, um processo histórico marcado por camadas sucessivas de complexificação, no qual a ciência não substituiu a cultura, mas passou a dialogar, tensionar e, por vezes, redefinir seus significados. Desde os primeiros tratados médicos e naturalistas da Idade Moderna até as sofisticadas técnicas contemporâneas de viticultura de precisão, o vinho permaneceu no centro de debates sobre saúde, moralidade, técnica e natureza. A crise da filoxera no século XIX simbolizou de forma exemplar essa nova condição histórica, ao expor a vulnerabilidade dos sistemas agrícolas tradicionais diante de patógenos globais e ao exigir soluções baseadas no conhecimento científico, na circulação transcontinental de espécies e na intervenção técnica sistemática. A consolidação da enologia científica e a mundialização da vitivinicultura no século XX aprofundaram esse processo, transformando o vinho em um produto simultaneamente globalizado e territorializado, regulado por normas técnicas, laboratoriais e jurídicas, mas ainda profundamente vinculado a narrativas de origem, identidade e tradição. No século XXI, diante das mudanças climáticas, das pressões ambientais e das demandas por sustentabilidade, o vinho reafirma sua condição de artefato histórico total, no qual se entrecruzam ciência, economia, ecologia e cultura. Longe de ser apenas um produto agrícola ou mercantil, o vinho continua a refletir as formas pelas quais as sociedades contemporâneas negociam sua relação com a natureza, reinterpretam heranças históricas e projetam futuros possíveis, confirmando que, ao longo da história, a

Esta obra está licenciada sob uma Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional

ciência do vinho nunca esteve dissociada do vinho como expressão cultural da própria humanidade.

Conclusão

O vinho pode ser compreendido como uma chave interpretativa privilegiada da civilização ocidental porque articula, de maneira singular e persistente, dimensões materiais e simbólicas da experiência humana, conectando paisagem, técnica, cultura e imaginário. Ao acompanhar suas trajetórias históricas, torna-se possível observar como diferentes sociedades projetaram no vinho valores associados ao prazer e à moderação, à disciplina moral e ao excesso, à transcendência religiosa e à sociabilidade cotidiana. Essa ambivalência, longe de ser um elemento secundário, revela a profunda interdependência entre práticas agrícolas, sistemas de crenças e formas de organização social, evidenciando como um produto da terra pode assumir significados múltiplos e, por vezes, contraditórios ao longo do tempo.

Ao longo dos séculos, a história do vinho espelha a própria complexidade da civilização ocidental, marcada por continuidades, rupturas e processos de sincretismo cultural. Mais do que um simples produto agrícola, o vinho consolidou-se como um artefato cultural carregado de valores religiosos, simbólicos, políticos e econômicos, atravessando diferentes regimes de saber e formas de poder. Na Antiguidade, esteve associado à construção da civilidade, à filosofia e às mitologias fundadoras; na Idade Média, foi ressignificado pelo cristianismo como elemento central da liturgia e da identidade cultural europeia; na Modernidade, tornou-se objeto de racionalização científica e de controle técnico; e, na contemporaneidade, passou a integrar circuitos globais de produção, consumo e distinção, sem perder seus vínculos com territórios, tradições e narrativas identitárias. Em todas essas etapas, o vinho permaneceu como marcador de status, de gosto e de pertencimento, revelando as hierarquias e sensibilidades próprias de cada contexto histórico.

Compreender o vinho em sua historicidade é, portanto, uma forma de refletir sobre os vínculos profundos entre cultura material, paisagem e imaginário coletivo, bem como sobre a maneira pela qual as sociedades ocidentais elaboraram suas relações com a natureza, o corpo, o prazer e o sagrado. Ao longo deste artigo, o vinho revelou-se como um fio condutor da história cultural ocidental, capaz de iluminar práticas sociais, técnicas agrárias e discursos simbólicos em diferentes tempos e espaços. Por meio dele, é possível entrever não apenas modos de produção e consumo, mas também as formas pelas quais as sociedades atribuíram sentidos ao tempo, à memória e à experiência humana. Assim, a História do Vinho afirma-se não apenas como um campo legítimo de investigação histórica, mas como uma via privilegiada para compreender a longa duração dos processos culturais que moldaram — e continuam a moldar — a civilização ocidental.

Agradecimentos

À Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior pela Bolsa do Programa de Doutorado-Sanduíche no Exterior (PDSE/CAPES) concedida ao

Esta obra está licenciada sob uma Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional

autor na Fondazione Edmund Mach, Trento, Itália.

Referências

BACCI, Andrea [1524-1600]. *De naturali vinorum historia.* VII Vol. Roma: Niccolò Muzi, 1596.

BÍBLIA Online. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br>. Acesso em: 07 jul. 2026.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega.* Vol. II. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

BRAUDEL, Fernand. *Bebidas y excitantes.* Madrid: Alianza Editorial, 1994.

BRAUDEL, Fernand. *Gramática das civilizações*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CHARTERS, Steve. *Wine and Society*: the social and cultural context of a drink. Oxford: Butterworth-Heinemann, 2006.

CIL 15258. In: Corpus Inscriptionum Latinarum (CIL). Vol. VI – Inscriptiones urbis Romae latinae, pars tertia, [Tituli sepulcrales: Claudius–Plotius] / consilio et auctoritate Academiae litterarum regiae Borussicae collegerunt Guilelmus Henzen et Iohannes Baptista de Rossi; ediderunt Eugenius Bormann, Guilelmus Henzen, Christianus Huelsen. Berolini: Georgius Reimerus, 1886. Acervo: École Française de Rome. Roma, Itália.

COMENIUS, Iohannes Amos [1592-1670]. *[Orbis pictus] graeco-latinus, usui studiosae juventutis accommodatus.* Vindobonae: J.G. Binz, 1802. Acervo: Indiana University.

Comm. in regulam S. Benedicti; Monumenta plura ordinis monastici; Chronica S. Benedicti et alia nonnulla. Manoscritto, c. 914-934. Acervo: Archivio dell'Abbazia di Montecassino (codice cassinese, casin. 175). Frasinone (Lazio), Italia.

Constantini Caesaris selectarum praeceptionum, de agricultura libri viginti, Iano Cornario medico physico interprete. Basileae: H. Frobenium et N. Episcopium, 1540. Acervo: Universitätsbibliothek Basel (Bc/VII/62). Basiléia, Suíça.

CRIVELLATI, Cesare. *Trattato dell'uso et modo di dare il vino nelle malattie acute.* Roma: Bartholomeo Bonfadino, 1600. Acervo: Biblioteca Nazionale Centrale Vittorio Emanuele II (Cód. 12/2/I/16). Roma, Italia.

De l'agricoltura. Libri XII. Lutio Giunio Moderato Columella. Trattato de gli alberi del medesimo, tradotto nuouamente di latino in lingua italiana per Pietro Lauro Modonese. Venetia: Gironimo Caualcalouo, 1559. Acervo: Biblioteca Nazionale Centrale di Roma (12/3I/23). Roma, Itália.

DIRKSEN, Valberto. *Paganismo e Cristianismo em Roma no século IV.* Florianópolis: Ed. do Autor, 2022. Disponível em: <https://archive.org/details/paganismo-cristianismo-roma>. Acesso em: 07 jul. 2026.

DONG, Yang *et al*. Dual domestications and origin of traits in grapevine evolution. *Science*, vol. 379, issue 6635, p. 892-901, 03 mar. 2023. Disponível em: <https://www.science.org/doi/10.1126/science.add8655>. Acesso em: 07 jul. 2026.

Esta obra está licenciada sob uma Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional

FERRI, Gil Karlos. História Ambiental: historiografia comprometida com a vida. *Café História*. Publicado em: 5 abr. 2017. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/historia-ambiental-historiografia-comprometida-com-a-vida>. Acesso em: 07 jul. 2026.

FERRI, Gil Karlos. *Variedades PIWI*: a vitivinicultura no Planalto de Santa Catarina (Brasil) e as pesquisas de melhoramento genético de videiras sob a perspectiva da História Ambiental Global. Tese de Doutorado em História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis (SC), 2024. 400p. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/264150>. Acesso em: 07 jul. 2026.

FERRI, Gil Karlos. Vinho e religião: interfaces simbólicas. *Revista Senso*, 13 maio 2019. Disponível em: <https://revistasenso.com.br/cultura/vinho-e-religiao-interfaces-simbolicas>. Acesso em: 07 jul. 2026.

FERRI, Gil Karlos; NODARI, Eunice Sueli. Vinho & status: dinâmicas socioculturais do consumo de vinho sob a perspectiva da História Global. *Perspectiva Geográfica*, Dossier Vitivinicultura en las Americas, vol. 29, n. 03, p. 01-12, jul./dez. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.19053/uptc.01233769.17489>. Acesso em: 07 jul. 2026.

FLANDRIN, Jean-Louis, MONTANARI, Massimo (dir.). História da alimentação. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

GRASSI, Fabrizio; DE LORENZIS, Gabriella. Back to the Origins: Background and Perspectives of Grapevine Domestication. *International Journal of Molecular Sciences*, vol. 22, n. 09, 4518, p. 01-20, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/ijms22094518>. Acesso em: 07 jul. 2026.

Le Georgiche di Virgilio volgarizzate da Dionigi Strochhi. Prato: Fratelli Giachetti, 1831. Acervo: Biblioteca Nazionale Centrale di Firenze (61/4/15). Florença, Itália.

LE GOFF, Jacques. *A civilização do Ocidente Medieval*. Bauru: EDUSC, 2005.

LODI-RIBEIRO, Gerson. *História do vinho no mundo romano*: vita vinum est! Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

MCGOVERN, Patrick E. *Ancient Wine: The Search for the Origins of Viniculture*. Princeton: Princeton University Press, 2003.

MCGOVERN, Patrick; JALABADZE, Mindia; BATIUK, Stephen; CALLAHAN, Michael P.; SMITH, Karen E.; HALL, Gretchen R.; KVAVADZE, Eliso; MAGHRADZE, David; RUSISHVILI, Nana; BOUBY, Laurent; FAILLA, Osvaldo; COLA, Gabriele; MARIANI, Luigi; BOARETTO, Elisabetta; BACILIERI, Roberto; THIS, Patrice; WALES, Nathan; LORDKIPANIDZE, David. Early Neolithic wine of Georgia in the South Caucasus. *PNAS – Proceedings of the National Academy of Sciences*, vol. 114, n. 48, p. E10309-E10318, 13 nov. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1073/pnas.1714728114>. Acesso em: 07 jul. 2026.

MINI, Paolo. *Discorso della natura del vino, delle sue differenze e del suo uso retto.* Firenze: Giorgio Marescotti, 1596. Acervo: Biblioteca Nazionale Centrale di Firenze (inv. 005262290). Firenze, Italia.

PASQUALE, Giovanni di. *Vinum Nostrum*: Art, Science and Myths of Wine in Ancient

Esta obra está licenciada sob uma Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional

Mediterranean Cultures. [Catálogo da Mostra]. Museo Galileo. Istituto e Museo di Storia della Scienza. Firenze: Giunti, 2010.

RENDELLA, Prospero. *Tractatus de vinea, vindemia et vino*. Venezia: apud Iuntas, 1629. Acervo: Biblioteca Nazionale Centrale Vittorio Emanuele II (Cód. 12/27/H/8). Roma, Italia.

Regimen Sanitatis Salernitanum cum expositione magistri Arnaldus Villanovanus; emendatum per doctores Montispessulani regentes, 1480. Venetiis: Bernardino Vitali, 1505. Acervo: Biblioteca Nazionale Centrale di Firenze (Nencini 51). Firenze, Toscana, Italia.

SINESIO, Secondo; TAGLIAZUCCHI, Giampietro. *Due discursi uno sopra l'acqua recitato dal signor Secondo Sinesio e l'altro sopra il vino recitato dal signor Giampietro Tagliazucchi in un'accademia fatta dai signori studenti d'eloquenza nella Regia Università di Torino l'anno 1735.* Torino: Francesco Mairesse, 1735. Acervo: Biblioteca Storica di Ateneo "Arturo Graf". Università degli Studi di Torino. Torino, Italia.

SIRAISI, Nancy G. *Medieval & Early Renaissance Medicine: An Introduction to Knowledge and Practice*. Chicago: University of Chicago Press, 1990.

SOCRATE *apu*d DEPERAIS, Vittorio. *Consigli ai viticoltori per distruggere l'oidio, l'antracnosi e respingere l'invasione della fillossera.* Napoli: Tipografia Ferrante, 1879. Acervo: Biblioteca di Agricoltora Antonio Bizzozero (Misc.c.26). Parma, Italia.

TIRELLI, Maurizio. *De historia vini et febrium.* Venezia: apud Iacobum Scaleam, 1630. 395p. Acervo: Biblioteca Nazionale Centrale Vittorio Emanuele II (Cód. 12/19/M/12). Roma, Italia.

TUCIDIDE *apud* PARLAMENTO ITALIANO. Istituzione dell'insegnamento di storia e civiltà del vino. [Proposta di Legge]. Roma (Italia): Camera dei Deputati, 03 ago. 2016. Disponível em: <https://www.camera.it/_dati/leg17/lavori/schedela/apriTelecomando_wai.asp?codice=17PDL0045100>. Acesso em: 07 jul. 2026.

VERGILIUS MARO, Publius. Georgicorum, Liber.ii [Geórgicas II, 113]. In: *Vergilius cum comentariis, imp. uero Venetiis per Augustinum de Zannis de Portesio, in officina D. Lucae Antonii de Giunta Florentini.* Venezia, 1519. Acervo: Biblioteca Casanatense (L.v.3.incc). Roma, Italia.

Notas de autoria

Gil Karlos Ferri é doutor em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Foi bolsista do Programa de Doutorado-Sanduíche no Exterior (PDSE/CAPES) na Fondazione Edmund Mach, em San Michele all'Adige, Trento, Itália. E-mail para contato: gilkferri@gmail.com

Como citar esse artigo de acordo com as normas da revista

Esta obra está licenciada sob uma Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional

FERRI, Gil Karlos. O vinho nas civilizações ocidentais: uma leitura histórico-cultural. *Sæculum – Revista de História*, v. 31, p. 01-21, 2026.

Contribuição de autoria

Não se aplica

Financiamento

Não informado

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica

Licença de uso

Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC BY-NC 4.0. Com essa licença você pode compartilhar e adaptar a obra para fins não comerciais, desde que atribua a autoria da obra.

Histórico

Submetido em: 21/01/2026
Reapresentado em: 06/07/2026
Aceito em: 31/08/2026

Esta obra está licenciada sob uma Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional